

EXPERIÊNCIAS DE DIFUSÃO DE DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS NO CONTEXTO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ESTUDO DE CASO DA EXPOSIÇÃO “CDOC-ARREMOS – 10 ANOS”

André Felipe Paiva dos Santos (Fundação Oswaldo Cruz/
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)
João Marcus Figueiredo Assis (Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro)

1 INTRODUÇÃO

A difusão de documentos arquivísticos é uma discussão cada vez mais relevante no campo da Arquivologia Contemporânea. Comumente aplicado aos documentos em que são atribuídos o chamado valor secundário (SCHELLENBERG; 2002), ou seja, aqueles que em virtude de seu caráter informativo, científico, cultural ou histórico são destinados à guarda permanente, o conceito de difusão permite explicitar e ampliar as possibilidades de apropriação dos documentos pela sociedade, contribuindo para o cumprimento (em tese) da função social dos arquivos.

Embora as instituições arquivísticas públicas – bem como algumas instituições de natureza privada – atuem como protagonistas na difusão de seus arquivos, também é necessário considerarmos que o universo da difusão engloba a presença de agentes para além do campo institucional. A partir de uma visão macro, a difusão pode abarcar não só as instituições de guarda documental, mas também a ação de sujeitos fora de seu escopo, como por exemplo, aqueles

inseridos no processo de ensino da Arquivologia – professores, alunos e pesquisadores envolvidos na formação universitária.

Tendo por objetivo a formação do estudante no processo de pesquisa e ensino a partir do constante diálogo com a sociedade, a extensão universitária se torna uma oportunidade de exercício da difusão de documentos no âmbito dos cursos de Arquivologia. A adoção de estratégias de difusão na extensão atua em prol do retorno da produção de professores e alunos da universidade pública para a sociedade, cumprindo seu papel ético/social na condição de instituição pública, gratuita e de qualidade, gerida e mantida pelo Estado, e, portanto, seus cidadãos. Nesse contexto, a visibilidade dada aos documentos arquivísticos e à Arquivologia na universidade pública também contribui para a promoção da função social dos arquivos.

Este artigo tem por objetivo apresentar um estudo de caso da exposição “CDOC-ARREMOS – 10 anos”, atividade desenvolvida no contexto do projeto de extensão “Memórias e Documentos em Perspectiva Social”, coordenado pelo Prof. Dr. João Marcus Figueiredo Assis, do Curso de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A atividade foi desenvolvida no contexto do Laboratório Multidimensional de Estudos sobre Cultura Documental, Religião e Movimentos Sociais (CDOC-ARREMOS), também da UNIRIO, durante o ano de 2019 e na condição de bolsista de extensão.

O Grupo de Pesquisa CDOC-ARREMOS foi criado em 2009 – na época Grupo de Pesquisa Cultura Documental, Religião e Movimentos Sociais, cuja sigla também era CDOC-ARREMOS – por iniciativa do Professor Dr. João Marcus Figueiredo Assis (UNIRIO). A partir de 2018 foi criado o Laboratório CDOC-ARREMOS, que além de incorporar o grupo de pesquisa, agregou em seu cenário outros projetos de extensão no contexto do Curso de Arquivologia da UNIRIO.

Desde o início de suas atividades, o Laboratório CDOC-ARREMOS realiza a já tradicional Mesa Redonda “Arquivo, Memória e Ditadura”, que atualmente está em sua décima primeira edição. A partir de 2016, houve o início da “Jornada Científica do CDOC-ARREMOS”, que além de incorporar a Mesa Redonda, também prevê o “Seminário de Pesquisa do CDOC-ARREMOS”, além de minicursos e oficinas. Este evento também é anual e atualmente encontra-se em sua 6ª edição.

2 EXPOSIÇÃO “CDOC-ARREMOS – 10 ANOS”

A exposição “CDOC-ARREMOS – 10 anos” ocorreu durante a IV Jornada Científica CDOC-ARREMOS, entre os dias 3 e 4 de setembro de 2019, no auditório Tércio Pacitti, localizado no Centro de Ciências Exatas e

Tecnologia, na UNIRIO. Em virtude da comemoração dos 10 anos de criação do grupo de pesquisa CDOC-ARREMOS, uma exposição comemorativa foi proposta como atividade simultânea à jornada.

Na exposição, buscou-se desenvolver em diálogo interdisciplinar com a Museologia: um projeto de ação cultural que visasse a mediação entre a questão da cultura documental e o acesso à informação por meio de materiais de pesquisa utilizados pelo grupo, depoimentos de seus colaboradores, material informativo e reproduções de documentos históricos que fizessem referência aos temas trabalhados pelo grupo.

No contexto dos museus e centros de memória, as exposições aparecem como elementos-chave de comunicação de seus acervos. Na condição de dispositivo de mediação entre público e patrimônio cultural, uma exposição permite a comunicação direta entre os visitantes e o acervo (no nosso caso, acervo arquivístico), por meio de narrativas que envolvem experiências sensoriais. Essa ação reforça o valor histórico dos documentos, valorizando-os enquanto patrimônio cultural e representantes dos processos sociais (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2014).

A execução da exposição foi dividida em três etapas: pré-produção; produção e pós-produção.

A etapa de pré-produção envolveu quatro elementos: a definição dos temas que seriam abordados por meio de módulos expositivos; a seleção do material expositivo; o planejamento visual da exposição; a disposição dos módulos expositivos e as ações de interação entre público-exposição.

Entre os meses de março e agosto de 2019, essas quatro questões foram amplamente avaliadas pelos membros do Laboratório durante reuniões mensais, o que resultou na construção de um projeto expositivo a partir de quatro módulos: um introdutório, de caráter institucional que descrevia parte da trajetória do grupo em seus 10 anos, e outros três eixos temáticos, que abordassem os principais temas trabalhados pelo grupo – religião, movimentos sociais e ditadura civil-militar no Brasil.

Após a seleção dos módulos, foi dado procedimento à seleção do acervo. Para tal, foram definidas duas abordagens: o acervo institucional do CDOC-ARREMOS, representando a trajetória do grupo ao longo de sua existência, e a utilização de reproduções de documentos disponíveis online por parte de arquivos públicos.

O primeiro módulo, de caráter institucional, tinha por objetivo apresentar a trajetória dos 10 anos do CDOC-ARREMOS. Nesse contexto, selecionamos material de estudo do grupo, como livros, revistas, pesquisas realizadas por antigos colaboradores e fotografias de eventos anteriores, além de

material gráfico como cartazes de divulgação de eventos. Ainda nesse contexto, foi realizado um inventário de acervo, que nos permitiu registrar informações como a dimensão do item, sua localização, seu material, seu estado de conservação e sua descrição sumária. Além da função de memória, a realização de um inventário dos itens expostos apresenta uma função operacional no controle e salvaguarda do acervo.

Para os módulos de Religião, Movimentos Sociais e Ditadura Militar, foram selecionados documentos a partir do Sistema de Informação do Arquivo Nacional (SIAN), onde encontramos uma série de documentos digitalizados. Nesse sentido, realizou-se pesquisas temáticas diretamente associadas às temáticas do grupo: o critério de busca foi a utilização de palavras-chave como “Frei Tito”, “MST”, “Estudantes”, “Movimentos Sociais”, “Censurado”, “Umbanda”, “Candomblé”, “Carnaval”, entre outras que permeavam os assuntos da exposição. Além desses documentos, também foram utilizadas algumas reportagens disponíveis em portais jornalísticos na internet e dossiês de desaparecidos políticos do site da Secretaria de Direitos Humanos do Governo Federal³³⁰.

A ideia inicial seria dispor esses documentos sobre mesas, ao lado de cartazes que representassem cada tópico. No módulo da ditadura militar, houve a proposta de uma atividade de caráter lúdico. A ideia partia de uma estante repleta de caixas de arquivo, que em sua lateral estariam sinalizadas como “Acesso Liberado”, “Confidencial” e “Secreto”. A proposta era permitir, a partir da visualidade e da interação do público, a discussão a respeito do acesso à informação: será que as pessoas pegariam as caixas que estão somente como “Acesso liberado”, ou iriam buscar o conteúdo das caixas demarcadas como sigilosas? É possível acessar documentos sigilosos? De que forma? A “instalação” seria encarada como um exercício lúdico do acesso aos arquivos ou apenas como um módulo visual/expositivo? As pessoas iriam interagir com o módulo de forma espontânea?

Além da discussão de acesso e interação com o público, também queríamos pensar formas de difundir documentos de arquivo que tivessem relação com as temáticas trabalhadas pelo grupo. Nesse sentido, pensamos em, ao invés de deixar os documentos relacionados à ditadura sobre a mesa, estas estariam dentro das caixas definidas como “acesso liberado”. As demais caixas estariam lacradas e com algum peso dentro, para passar a percepção de sigilo e “peso” da informação sigilosa.

³³⁰ O site da secretaria não mais existe, sendo substituído pela página do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Não foi possível localizar na nova página os dossiês de desaparecidos políticos.

Ao final da seleção do acervo e das ideias expositivas, demos início ao planejamento visual. Nesse quesito, tivemos como premissa a busca por referências na internet, a partir de imagens de exposições que utilizassem material arquivístico como acervo, similar aos que já havíamos selecionado. Para isso, utilizou-se termos como “exposição arquivística”, “exposições em arquivos”, “exposição fotográfica”, “exposição de fotografia”, “exposição de cartas” e “exposição de documentos” no Google Imagens. Também foi definido que a exposição adotaria uma paleta de cores que representassem o Laboratório CDOC-ARREMOS, e nesse sentido, foram selecionadas as cores predominantes no logo do Laboratório: branco, tons de cinza e dois tons de azul.

Após a definição do planejamento da exposição, elaborou-se um orçamento com os gastos previstos com impressão, material de consumo e demais gastos para a montagem da exposição. Ao final dessa etapa, demos andamento à etapa de produção.

Durante a produção, foi realizado um trabalho técnico com a produção de textos, produção e seleção de imagens, material expositivo e de divulgação, mais especificamente: confecção de material gráfico; coleta e organização do acervo selecionado para exposição; impressão das reproduções dos documentos selecionados no SIAN; coleta, higienização e preparação das caixas de arquivo e do módulo expositivo, além da divulgação da exposição e da jornada científica nas redes sociais do laboratório. Outra atividade que foi realizada nesta etapa foi a coleta de depoimentos de membros e colaboradores do CDOC-ARREMOS, que relataram sua trajetória em vídeos de até 1 minuto³³¹.

Na etapa de produção, é importante ressaltar a falta de suporte por parte da UNIRIO. Apesar de contar com meios para dar suporte aos eventos acadêmicos, inclusive em relação ao fornecimento de parte do material que será utilizado, não houve qualquer disponibilização de material (tanto gráfico quanto de consumo) ou verba para a produção da exposição – e do evento em geral. Portanto, os custos de impressão, produção de cartazes e material de consumo ficaram à cargo do professor João Marcus, além da colaboração de membros do Laboratório e de terceiros. Essa barreira nos forçou a diminuir a dimensão da exposição: os módulos de religião e movimentos sociais foram condensados nas atividades pensadas para o módulo da ditadura, tendo seus documentos também anexados dentro das caixas. Dessa forma, todas as 25 caixas utilizadas para a atividade continham réplicas de documentos com assuntos relacionados às temáticas de pesquisa do Laboratório, e a ideia de categorizar as caixas por acesso ou sigilo se tornou uma questão majoritariamente ilustrativa.

³³¹ Ao total, foram coletados 11 depoimentos, entre os atuais membros do Laboratório CDOC-ARREMOS e antigos colaboradores.

Com o material em mãos, chegamos ao espaço do evento com quatro horas de antecedência e demos início à montagem. Além dos cartazes e do módulo expositivo com as caixas, dispomos dos livros e material gráfico sobre mesas, além de uma projeção com o depoimento dos colaboradores, conforme ilustrado pelas figuras 1 e 2.

Figura 1 - Exposição “CDOC-ARREMOS: 10 anos”, módulo institucional



Fonte: o autor (2019).

Figura 2 - Exposição “CDOC-ARREMOS: 10 anos”, módulo lúdico



Fonte: o autor (2019).

Ainda durante a exposição, houve o acompanhamento da atividade expositiva junto aos visitantes, a partir da promoção de debates e discussões a respeito dos assuntos abordados nos documentos. É importante ressaltar que em um primeiro momento, o público não interagiu com o módulo expositivo: muitos pensaram se tratar de um objeto cenográfico, ou que, por questões diversas, não poderia ser tocado. Nesse sentido, a mediação e incentivo em explicar a proposta e motivar o público em descobrir os documentos dentro das caixas foi fundamental para a interação com o módulo lúdico, conforme é possível observação na figura 3.

Figura 3 - público interagindo com o módulo lúdico na exposição “CDOC-ARREMOS: 10 anos”



Fonte: o autor (2019).

Após o evento, desmontou-se a exposição e o material foi armazenado no local adequado. Além disso, também foi entregue ao público um formulário de avaliação que contemplava tanto a opinião a respeito do evento quanto da exposição. Nessa etapa, iniciamos a pós-produção, em que se elaborou relatórios técnicos tendo em vista a avaliação e reflexão geral dos resultados obtidos. É também nesta etapa que se organizou um acervo fotográfico do evento, registrado também por este autor e disponibilizado integralmente ao Laboratório CDOC-ARREMOS.

A avaliação e posterior relatório referente à exposição ocorreu em duas etapas: a primeira, de caráter observacional, que diz respeito às observações e debates deste autor durante a mediação com os visitantes na exposição, em que

foi possível perceber indagações comuns – principalmente entre os alunos do curso de Arquivologia – e alguns questionamentos e observações por parte dos professores e pesquisadores presentes; a segunda etapa foi operacionalizada por meio dos resultados apontados no questionário de avaliação, na aba que especificava a avaliação da exposição.

No que diz respeito às observações do autor, dentre as várias questões discutidas, um ponto de destaque foi a constante curiosidade em relação aos documentos relativos à censura no período ditatorial. O exemplo mais representativo foi a solicitação à autoridade competente da época para censurar o enredo, alegorias e figurinos para o carnaval de 1982 do Grêmio Recreativo Esportivo Bloco Carnavalesco Embalo do Catete (GREBC), feito pelo próprio vice-presidente do GREBC, Marcelino Jorge dos Santos. Muitos visitantes ficaram confusos e não compreendiam como um dirigente poderia solicitar um ato de censura à própria obra. Após diálogo, foi possível perceber que a ideia de censura entre o público estava associada ao veto como ação externa, autoritária e proibitiva, e não necessariamente ao processo de filtragem de uma expressão artística-cultural por parte do Estado, na forma de um procedimento administrativo que irá decidir a autorização ou não da divulgação da obra³³².

Outro ponto foi a observação do diálogo com alguns professores do Curso de Arquivologia da UNIRIO e alguns pesquisadores presentes. Destacase que foi pontuado a respeito da proposta de discussão sobre o acesso à informação, em que teria sido interessante não só tratarmos o assunto de forma geral, mas de pensarmos o debate a respeito dos diversos instrumentos jurídicos e normativos que viabilizam o acesso aos documentos. Outro comentário pertinente foi a seleção das cópias de documentos utilizados no módulo lúdico, que ocorreu de forma temática e não a partir de um Fundo Arquivístico, o que poderia conferir à exposição uma “qualidade arquivística” ao invés de um olhar sobre a perspectiva de “coleção”, oriunda da seleção dos documentos. Tal crítica foi importante para pensarmos a possibilidade de estabelecer relações entre princípios teóricos da Arquivologia nas ações de difusão de documentos em ações futuras, de forma a reforçar o valor arquivístico dos documentos e a potencialidade de seu uso social.

Em relação aos comentários coletados pelo formulário, das 162 respostas recebidas, obtivemos 17 respostas específicas sobre a exposição, ou seja, aproximadamente 10% do total de participantes³³³. Apesar da baixa adesão,

³³² Documento código TN.CPR.CNV.BLC.231, localizado no SIAN, do Arquivo Nacional.

³³³ O formulário era composto, em sua maioria, por respostas de múltipla escolha. A seção dedicada à exposição era de caráter textual e descritivo, o que pode ter influenciado na baixa adesão de resposta pelos participantes.

foi possível visualizar majoritariamente um resultado positivo, pois todos os comentários elogiavam a exposição em algum grau – alguns apenas com elogios genéricos, enquanto outros detalhavam o que a pessoa gostou em relação à proposta temática, à expografia, entre outros elementos. Apesar do resultado positivo, também pudemos detectar críticas, em especial quanto à atividade lúdica: muitas pessoas não sabiam que continham reproduções de documentos dentro das caixas, ou que a proposta era a interação e manipulação das mesmas como instrumento de diálogo com a cultura documental. Nesse sentido, reforçamos o olhar em que a mediação com o público durante a exposição foi fundamental a partir do incentivo de apropriação das caixas e descoberta dos documentos. Também foi possível observar em alguns comentários o desejo de ter acesso a mais material produzido pelo grupo CDOC-ARREMOS, ação que não foi possível em virtude do espaço disponível e dos recursos limitados para a elaboração da exposição.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da exposição “CDOC-ARREMOS – 10 anos” nos permitiu traçar um registro de uma forma de produção de ações de difusão fora do contexto tradicional das instituições de guarda documental. As ações promovidas pelo Laboratório CDOC-ARREMOS comprovam que é possível o uso e apropriação dos documentos de arquivo por sujeitos que não estão vinculados a essas instituições, inclusive permitindo a exploração e atribuição de novos sentidos aos documentos.

Nesse contexto, é possível pensarmos o processo de patrimonialização cultural dos arquivos, tradicionalmente resultante do reconhecimento de seu valor histórico para a instituição e direcionado para a guarda permanente no processo de avaliação. Nessa perspectiva, entendemos que o reconhecimento de valor que o alça ao status de patrimônio cultural vem primeiro dos processos teóricos e metodológicos internos à instituição, e não de um reconhecimento social mais amplo. A difusão de documentos arquivísticos pode contribuir não só para esse reconhecimento, como para a apropriação desses documentos por sujeitos que antes não se viam ou se sentiam representados pelos mesmos, permitindo a construção de outras narrativas e ressignificação simbólica dos conjuntos documentais.

Uma reflexão importante oriunda dessa experiência foi em relação às críticas recebidas na exposição, em especial a que se refere ao uso de Fundos de Arquivo para compor o acervo exposto. Pensar a exposição dotada de “qualidade arquivística” ao trabalhar um Fundo pode ser uma ideia interessante, mas será que é suficiente? Acreditamos que não.

O conceito de fundo prediz um conhecimento básico dos princípios arquivísticos, e entendemos que o uso de um Fundo apenas por seu princípio teórico não qualificaria uma exposição como “arquivística”, tendo em vista que para o visitante – que não é obrigado a conhecer o conceito de Fundo – está atento à narrativa e à construção da mensagem como um todo, e não necessariamente aos aspectos conceituais do acervo. Nesse sentido, entendemos que o fundo pode e deve ser utilizado em exposições, mas não só por sua representação dos processos e preservação do contexto de produção, mas sim como uma unidade simbólica da representação social da instituição e sujeitos. Esse aspecto simbólico deve ser expresso na narrativa da exposição, permitindo interligar aspectos histórico, sociais e culturais entre os documentos, visitantes e sociedade.

A partir da discussão apresentada, entendemos o uso de exposições como elemento relevante para a difusão de arquivos. Instituições como o Arquivo Nacional, o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e o Arquivo Público do Estado de São Paulo já contam com espaços expositivos, a fim de cativar o público a conhecer melhor seu acervo e dar a estes um uso social. Além disso, é possível encontrar em seus sites – no caso do Arquivo Nacional – um espaço dedicado a exposições virtuais, outra forma de difusão de documentos alinhado às possibilidades tecnológicas do nosso tempo.

No contexto do grupo de pesquisa, a realização de uma exposição não só homenageia os dez anos de trajetória do CDOC-ARREMOS, mas traz à luz questões vitais para o fortalecimento da democracia e do debate público. Entender o dinamismo presente na construção de uma memória e identidade da (s) religiosidade (s) brasileira, a luta pela conquista de direitos nos movimentos sociais e a relação entre censura, direitos e democracia entre 1964-1985 evocam compreender como nossa sociedade absorve o eco que reverbera desse período na atualidade.

Em suma, entendemos que a relação entre a difusão e documentos de arquivo deve se manter múltipla e plural, em diálogo interdisciplinar com outras áreas – como a Museologia, a Pedagogia, a História e a Ciência da Informação – a fim de descoberta e construção de novos métodos e usos para os documentos de arquivo. Os estudos na área da Comunicação ainda são um viés a ser explorado, e que podem contribuir para a temática da difusão de arquivos no futuro. A interseção entre difusão, cultura e tecnologia será outro ponto fundamental se quisermos compreender e praticar a difusão de documentos na atualidade e em um futuro próximo.

REFERÊNCIAS

DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Publicações Técnicas, v. 51, p. 175-178, 2019.

BARBOSA, Andresa Cristina Oliver; SILVA, Haike Roselane K. Difusão em arquivos: definição, políticas e implementação de projetos no Arquivo Público do Estado de São Paulo. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 45-66, jan. /jun. 2012.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Patrimônio documental e ação educativa nos arquivos. Ciências e Letras, **Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação**, Ciências e Letras, Porto Alegre, n. 27, p. 151-166, jan. /jun. 2000.

_____. **Arquivos permanentes: tratamento documental.** 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 320 p.

CABRAL, Rosimere Mendes. Arquivo como fonte de difusão cultural e educativa. **Acervo**, v. 25, n. 1, p. 35-44, 2012.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia.** São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Secretaria de Estado da Cultura do Rio de Janeiro/FUNARJ, 2014.

PARREIRA, Ivana D. Difusão no e do arquivo: comunicação, mediação e ações educativas e culturais. In: **Revista do Arquivo.** Arquivo Público do Estado de São Paulo. São Paulo, Ano V, nº 10, p. 10-13 p. 10-13, 2020.

SCHELLENBERG, Theodore R. **Arquivos modernos.** FGV Editora, 2002.

SILVA, Eliezer Pires da. **Memória e discurso do movimento associativo na institucionalização do campo arquivístico no Brasil (1971-1978).** Tese (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Memória Social, Rio de Janeiro, 2013, 130f.